

Esta inscripção offerece caracteres que já se encontram noutras da Peninsula, como *famulus Dei* e *requievit in pace*.

Quem quizer ter amplas noticias da epigraphia christã d'esta especie consulte, alem dos citados trabalhos, mais estes do Sr. Le Blant:

*Inscriptions chrétiennes de la Gaule, antérieures au VIII<sup>o</sup> siècle*, Paris 1856, 2 vol.;

*Manuel d'épigraphie chrétienne d'après les marbres de la Gaule*, Paris 1869;

*L'épigraphie chrétienne en Gaule et dans l'Afrique romaine*, Paris 1890.

Todos estes trabalhos, e os de cima, com excepção do *Supplemento das Inscripções da Britannia*, ha-os na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

J. L. DE V.

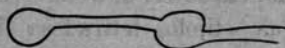
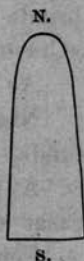
### A Mogueira

A um kilometro, pouco mais ou menos, de S. Martinho de Mouros, no concelho de Rêsende, ao pé de um pinhal, ha um morro, de altos penedos, chamado *A Mogueira*.

Na base do morro, no valle, vêem-se muitas sepulturas abertas em rocha, já sem tampa e vazias, orientadas de N. a S. Observei umas oito, mas ha mais; algumas erão de crianças. O desenho mostra o typo geral das sepulturas.

Pelo morro apparecem fragmentos ceramicos, — telhas de rebordo (romanas) e vasos —, escóreas e pedacitos de ferro oxydado.

Como disse, o morro é cheio de penedos: em quasi todos estes ha cavidades, umas redondas outras quadradas. Isto é frequente nos castros, e o povo algures chama-lhes *pias*. Muitos penedos são talhados; outros tem escadas, feitas na propria rocha, factio vulgar nos castros do Baixo-Douro. Em varios penedos achei as célebres *côvinhas* prehistoricas («fossettes» dos archeologos franceses), irregulares, algumas de um decimetro de diametro, pouco mais ou menos, e ás vezes ligadas entre si por sulcos, d'este modo:



*Côvinhas* analogas tenho-as encontrado em castros beirões e em antas beirões e alemtejanas.

No môrro ha uma furna, para onde se desce por escadas. Ahi appareceu, ao que dizem, uma panella com várias moedas, sendo uma de oiro, que, pelas informações que me derão, julgo que era romana; mas não as vi.

A Mogueira é, pois, uma como muitas das estações luso-romanas que se alcandoram sobre as altas ribanceiras do Douro.

Estive lá em 27 de Março de 1891, apenas para fazer um simples reconhecimento. Ainda talvez um dia eu proceda ahi a algumas excavações.

J. L. DE V.

### Antiguidades de Mortágua

Fallando com um individuo de Mortágua, deu-me elle as seguintes informações.

A um kilometro da villa ha um cabeço, em que existem várias capellas. Chama-se *Cabeço do Senhor do Mundo*, por uma das imagens ter o nome de *Senhor do Mundo*.

O cabeço está cheio de mato, mas por detrás das capellas, em um sobreiral, existem ruinas de «uma povoação dos Moiros», descobrindo-se ainda paredes de casas, etc.; esta povoação denomina-se «Crasto».

Ao fundo do cabeço corre um rio pequeno, sem nome.

Nas abas vê-se um penedo com uma excavação redonda, não muito funda, chamada «cozinha dos Moiros».

A povoação do Crasto era muito grande; deixou ainda muitas casas em ruina.

Consta pela tradição que o local actual de Mortágua formára d'antes um lago; o povo diz hoje que é «Agua Morta», explicando assim o nome moderno.—É uma explicação popular como muitas, sem valor philologico.

Em virtude das informações precedentes, póde affirmar-se que o Cabeço do Senhor do Mundo entra na categoria dos castros, taes como os descrevi a cima, pag. 3 sqq.

\*

Uma vez, no comboio, encontrei outro individuo que me disse terem apparecido em Mortágua «tijolos letrados» (isto é, com letras),—com as quaes se compôs uma parede. Seriam as letras *marcas figuradas* romanas?

J. L. DE V.